

RELEMBRANDO LEAL DA COSTA

Rubens de AZEVEDO

Nos finais da década de quarenta estávamos na posição de amador de Astronomia atarantado, incipiente, sem saber por onde começar. Muito entusiasmo e nenhum conhecimento. O cérebro era uma betoneira, a girar, misturando os poucos conhecimentos hauridos de livros diversos, uns bons (Flammarion, Moreux), outros ruins ou inacessíveis. Era uma situação complicada. Quem quiser louve sua adolescência; a minha foi muito conflitante, uma litania de antíteses, como o Werther de Goethe.

Foi neste momento de indecisão e desordenamento mental que surgiu em minha vida a figura de Leal da Costa. Nunca o vi, nunca tive contacto com ele pessoalmente. Mas sua figura permanece em mim como a de um pai e um amigo querido, pois foi ele quem me abriu as portas do céu e me orientou os primeiros passos. Francisco Leite Serra Azul, poeta excelso, amigo de meu pai, me havia ensinado as constelações: Leal da Costa me disse o que fazer com elas.

Morando em Cambuquira, em Minas, tinha em casa seu observatório particular, equipado com uma bela luneta de 110mm, Leal da Costa era um astrônomo competente e uma pessoa boníssima. Imaginem um velho professor a ensinar seu aluno distante através de cartas, esquemas, diagramas. Foi isso que aconteceu. Eu perguntava, ele respondia pacientemente e ainda me mandava subsídios. Um deles, que muito me tocou, foi uma maquete para armar, do telescópio Hale, de Palomar, que figurou, depois, na Primeira Exposição de Astronomia do Brasil, a Exposição Palomar.

Durante anos, Leal da Costa manteve estreita correspondência conosco e foi graças aos seus ensinamentos que demos certa ordem nos nossos estudos, aproveitando melhor o nosso modesto instrumental e realizando um trabalho que, embora sem valor científico, teve a possibilidade de nos colocar bem à vontade no panorama amadorístico da Astronomia brasileira.

Por volta de 1953, transferimos residência para S. Paulo e perdemos o contacto, eu e Leal da Costa. Frequentei o Observatório do Capricórnio, de Jean Nicolini (hoje Estação Municipal de Astronomia de Campinas), o Planetário e a Escola Municipal de Astrofísica, além da Associação de Amadores de Astronomia em seus últimos estertores.

Depois de década e meia na Capital paulista, mudamo-nos novamente para o Nordeste, para Natal e, depois, João Pessoa, onde instalamos e dirigimos o Observatório da Fundação Padre Ibiapina. Nunca mais tivemos contacto ou ouvimos falar de Leal da Costa.

Depois de seis anos na capital paraibana, acabamos por mudar novamente de lugar: voltamos para Fortaleza.

Nossa correspondência com Jean Nicolini, fundador do Observatório do Capricórnio no fim da década de 40, provocou uma nova aproximação com a família Leal da Costa; Jean nos forneceu o endereço de Neyla Leal da Costa, filha do meu saudoso mestre. Escrevi para a herdeira do querido amigo e recebi uma carta maravilhosa, cheia de calor humano. Disse-nos ela que minha carta despertou-lhe gratas recordações, pior era ela quem lia para Leal da Costa as minhas cartas últimas. Reencetamos, assim, nosso contacto, e há já alguns anos nos correspondemos. Ao reconstruir meu Observatório particular (o antigo Observatório Flammarion), decidi batizá-lo com um nome nacional e lembrei-me imediatamente de prestar uma homenagem ao meu velho professor. Escrevi para Neyla e pedi-lhe permissão para usar o nome Observatório Leal da Costa.

Neyla é formada em física e a Astronomia lhe é muito familiar, pois praticamente nasceu ao redor de um telescópio...

Neyla escreve-me agora, falando do Cometa de Halley. E atrevo-me a reproduzir sua carta, que é mais uma crônica leve das suas experiências atuais. Há tempos está afastada do magistério e dedica-se aos cuidados com sua progenitora. Eis o que nos diz, em linguagem elegante e agradável a filha de Leal da Costa:

Prezado Rubens:

Desde o final do ano passado, quando se começou a falar do Halley, senti uma grande vontade de vê-lo. Alguns amigos - físicos da PUC - manifestaram a mesma intenção e por intermédio deles consegui que o técnico em óptica da Universidade fizesse uma limpeza nas lentes e armasse para nós a luneta portátil Troughon (inglesa) de 70 mm, adaptada para uso com oculares Zeiss - do telescópio de 110 mm de Cambuqira - que estava guardada aqui em casa, desmontada e sem uso há quase 25 anos. No dia 9 do corrente (abril), levamos a luneta para a residência de um colega, um apartamento cercado de varandas, situado no alto do morro de Santa Tereza, em prédio conhecido como "O Castelo", que é a marca registrada do bairro, pois aparece em todas as reportagens sobre ele.

A noite (de lua nova) estava linda, o céu estrelado, a atmosfera límpida, sem nebulosidade, fato raro no Rio. Depois de 1 hora da madrugada fomos recompensados com uma bela visão do Halley, que só foi decepcionante para os que esperavam que o espetáculo de 1910 se repetisse. Seu livro - meu presente de Natal para as crianças de casa - nos foi muito útil na localização de Natal para as crianças de casa - nos foi muito útil na localização do cometa.

Éramos 6 adultos e 3 crianças e ficamos todos muito emocionados por estarmos entre os poucos felizardos que conseguiram ver o cometa, no Rio. Aliás, foi mesmo uma noite excepcional, pois ao voltar para casa pude continuar vendo o Halley de binóculo e até a olho nu.

Eu, particularmente, ainda tive outra alegria: a de ter recuperado a luneta e reaprendido a usá-la. Só lastimo que seja quase inútil mantê-la em nosso apartamento, pois, nesses 25 anos após a morte de meu pai, o edifício foi cercado por prédios altos, que só nos deixam ver uma nesguinha do céu.

Fiquei muito contente com tudo isso e apressei-me em lhe escrever, para partilhar com o senhor minha alegria."

Assim é Neyla Leal da Costa, pessoa boníssima, possuidora de privilegiada inteligência que pode abranger também os segredos do Universo, e um coração tão generoso e grande como esse próprio Universo.

Nossos agradecimentos a Deus por essa amizade que vem atravessando o tempo - limpa, bonita, galharda. Uma dádiva das mais belas para um modesto contemplador de estrelas.

.....

PARA DESOPILAR

O professor Rubens, nosso Editor, solicitou de sua empregada, que o acordasse cerca de 3 horas da manhã, para ver se conseguia fisgar o Halley. Foi surpreendido no horário exato, pela voz da empregada: "Seu" Rubens, o céu está completamente encoberto de nuvens"....